

O 4 5  
**ANTI-JACOBINO.**

**JORNAL POLITICO.**

~~~~~  
N.º 1.  
~~~~~

---

---

“ Eu tambem grito (como hum Francez em 1790) Viva  
“ a Nação! Desejo a sua felicidade, e temo mais que nin-  
“ guem a sua ruina. Viva pois a Nação Portugueza, pros-  
“ pere sempre, e não perca nada do seu antigo esplendor.

*(O Redactor.)*

---

---



**LISBOA:**

**NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1828.**

*Com Licença da Comissão de Censura.*

ANTT-LACOBINO.

JORNAL POLITICO.

N.º I.

« Eu tambem grito (como hum Francês em 1790) Viva  
« a Nação! Destro a sua fetiche, e temo mais que nin-  
« guem a sua ruina. Viva pois a Nação Portuguez, pros-  
« pero sempre, e não perca nada do seu antigo esplendor.  
(O Redactor.)



LISBOA ANNO DE 1820

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1820.

Com Licença da Commissão de Censura.

## O ANTI-JACOBINO.

## JORNAL POLITICO.

N.º 1

31 de Março 1828.

## INTRODUÇÃO.

Combater a Democracia e a Impiedade he huma Obra meritoria; obra que deveria ter sido empreendida por todos os homens que amão a Patria, a Religião, e o Rei; e que, tendo em si mesmos o cabedal preciso para combater victoriosamente estes dous mãos espiritos, que avexão o seculo em que vivemos, acabarião pelo aniquilar. Mas desgraçadamente vemos que tollos se calão, deixando com o seu reprehensivel silencio o campo aberto a estes inimigos da publica tranquillidade. Elles nos inundão com as suas falsas doutrinas; nós as lemos, e nos calâmos. Não será isto pois hum crime tanto para elles como para nós? Porque não havemos refutar seus sofismas, e faze-los emmudecer, mostrando aos inexpertos a falsidade da sua doutrina, e dos seus raciocinios? Que razão plausivel ha para não combater a Democracia e a Impiedade? Que solido motivo podem ter os homens litteratos deste Reino, Amigos do Altar e do Throno, para não defenderem com seus escriptos a sua Religião e o seu Rei? Tão insignificantes terão sido para elles os repetidos ataques que ha 7 para 8 annos se têm feito a estes dous respeitaveis, e caros objectos dos homens de bem? He porém verdade que alguma cousa se tem publicado recentemente a este respeito; mas em estilo improprio da gravidade

da materia. O assumpto he extremamente sério para ser tractado no estilo ridiculo. Nós vamos emprender a publicação deste Jornal para nelle darmos a lêr aos nossos leitores doutrina sã e solida, opposta á dos falsos philosophos, isto he, a esses visionarios intrigantes, e perturbadores, que se chamão Demagogos, ou Jacobinos; he com este ultimo nome que designaremos sempre os fautores e adoradores da Democracia, deste idolo tantas vezes derrubado, e tantas erguido para inquietação dos Reis e dos Povos.

O nosso plano he de dar neste Jornal extractos, e mesmo as integras de alguns escriptos, que se têm publicado a pró do principio Monarchico moderado, o melhor de todos os principios governativos, por o qual se têm regido a Monarchia Portugueza desde a sua remota origem; e por consequencia tudo quanto for conducente para curar a febre revolucionaria, democratica, ou jacobinica. A utilidade, que esperamos tirem alguns leitores deste jornal, nos anima a emprender huma tarefa tão difficil e espinhosa para nós, que não temos mais que os bons desejos de ser util á Causa da Patria, da Religião, e do Throno. Oxalá que as nossas esperanças não sejam frustradas!

Ha muitos annos a esta parte que não ouvimos outra cousa mais que declamações vagas, diatribes exaltadas contra a pertendida tyrannia dos antigos Reis e ignorancia crassa dos Povos. Já por palavra, e, o que mais he, já por escripto, se têm áccinte desacreditado entre nós os nossos antigos e bons Monarchas, e nossos honrados e religiosos Avós: sem respeito ás cinzas de huns e outros, e ás suas virtudes pacificas e guerreiras, se têm por toda a parte espalhado huma opinião vaga, mas forte, de que os primeiros são huns Déspotas, e os segundos huns miseraveis escravos desse mesmo Despotismo. Nada ha mais falso; nada que mais facilmente se possa desmentir, não com estudados discursos; mas sim com factos consignados na Historia, com Monumentos erguidos á gloria desses Reis e desses Povos, e com documentos existentes nos Archivos da Nação.

Para que de huma vez cessem taes declamações que nos deshonorão, e para que alguém prevenido conheça quanto he infundada semelhante accusação feita pelo Jacobinismo aos Reis e aos Povos, nós faremos vêr nos seguintes numeros deste jornal huma succinta, mas verdadeira analyse desses Reinados, e do caracter, conhecimentos, e virtudes dos Portuguezes d'esses felizes tempos; e á vista della quem fôr de boa fé convirá com nosco de que esses Reis, sem nenhuma excepção, forão todos grandes hómens d'Estado, amigos do Povo, e sollicitos pela sua ventura. Juntando a maior pureza de costumes a huma bem entendida economia, poupárão constantemente os tributos á Nação; Justiceiros e Misericordiosos não deixarão nunca impune os grandes crimes, fosse qual fosse a jerarchia dos Réos, e souberão perdoar os pequenos delictos sem offensa da justiça, e da conveniencia social: Ambiciosos de gloria, e de engrandecer seus Estados, levárão a Espada e a Cruz ás mais remotas regiões, e plantárão ahi o seu Throno e os Altares do Verdadeiro Deos. Fizerão mais: descobrirão hum Novo Mundo!!! Que mais póde fazer a força humana, e a virtude dos homens?... Os Povos tiverão sempre huma justa liberdade, e mostrarão-se sempre dignos d'ella: Mas essa liberdade não era impia e regicida: Era huma justa franqueza de expôr o que lhes convinha, e de dizer a verdade pura ao Soberano. Tempos felizes! ah! quanta saudade nos causas! Hoje, sim, hoje immoraes, irreligiosos, corrompidos por tantos vicios atrevemos-nos a chamar barbaros a esses homens, e a esses tempos! Que impudencia! que injustiça! e que loucura! Kotezebue, esse Sabio e honrado Allemão, que acabou ha poucos annos na ponta de hum punhal, que hum joven jacobino lhe introduzio no peito, dizia: Deixemos aos que nos governão o penoso cuidado de nos governar = Esta excellente maxima, que devem ter impressa na memoria todos os governados, he o mais efficaz antidoto para livrar da tentação revolucionaria. Que cousa mais perigosa para a tranquillidade da Sociedade Civil, que

as analyses de má fé, que os governados fazem vocalmente, ou por escripto, dos actos governativos? — Nós o temos visto infelizmente. — Huma nuvem de Aristarcos se tem erguido do pó da terra, ha alguns annos a este parte, apostados ao que parece para pôr em desharmonia o Governo e os Subditos. Elles têm com seus perniciosos escriptos exaltado todas as cabeças do povo a hum ponto incrível, chamando-as para o vortice revolucionario. Elles têm dividido a Nação em tantas opiniões, em tantos bandos, que jámais poderá completamente reunir-se por maiores esforços que os homens de bem fação para esse fim; porque elles têm semeado a discordia entre Cidadãos e Cidadãos; entre Pais e filhos; entre Esposas e Esposos; entre Superiores e subditos; entre Ecclesiasticos e Seculares; entre o Sagrado e o Profano; tudo, tudo tem sido dividido por os Pregoeiros da Democracia.

Entre tantos escriptos, que têm quotidianamente apparecido de ha 8 annos para cá, isto he, des de a época em que começárão as nossas dissensões politicas até hoje, ainda não vimos hum que tivesse por objecto o reconciliar as diversas opiniões, moderar as paixões exaltadas dos Sectarios de cada partido, chamar todos á união, e plena confiança no Governo, exhorta-los á mais passiva obediencia a todas as Authoridades constituidas, sejam quaes forem as opiniões politicas d'essas mesmas Authoridades; mas antes, pelo contrario, o que temos constantemente observado he hum desencadeamento de invectivas, sarcasmos, accusações, bem ou mal fundadas, contra os Depositarios da Authoridade, exacerbar os diferentes partidos, e propinar a venenosa doutrina, de que he licito ao governado reagir contra a Authoridade arbitraria.

He tempo porém de acabarmos com taes frenesis; he tempo de repousarmos todos á sombra da Arvore da Verdadeira liberdade, que he o Poder Real moderado; áridos, e ardentes tem sido os desertos por que temos vagueado ha 8 annos; larga, e trabalhosa a tempestade que nos tem colhido, e todos precisamos descanso. Repousemos pois todos á sombra

desta Arvore Sagrada, deste Poder, que só elle póde fazer a felicidade de todos. Unamos-nos em huma só vontade para o servir, ama-lo, e obedecer-lhe. Ponhamos nelle toda a nossa confiança. Elle vigiará incessantemente pela nossa felicidade; porque esse he o seu dever: o nosso he o de respeita-lo, e obedecer-lhe.

*Da Monarchia considerada em si mesma.*

*Primeiro character. Sua Antiquidade.*

A origem das grandes Sociedades he hum objecto mui remoto, para que a razão humana intente chegar a profunda-lo sem risco de se perder, por sua debilidade, nos espaços immensos, que se lhe interpõe, ou sem tropeçar em mil escolhos, e paradoxos. Póde a razão humana sujeitar ao seu juizo quanto cahe debaixo da sua esféra, que se estende a mui pouco. Só a revelação, a tradição, a fé humana são os principios, que segurão, e rectificação os discursos do homem; e estes nos convencem da antiguidade das Monarchias, e de que este governo foi o primitivo dos homens.

*1.º Testemunho da Historia.*

Se a antiguidade das cousas adquire direitos sagrados á nossa veneração, se nos inspira hum respeito augusto, que tira a sua força do amor, e da opinião; he preciso que prestemos ao governo Monarchico as honras, que essa antiguidade merece. O primeiro homem foi tambem o primeiro Rei da sua posteridade. A Sagrada Historia da sua criação o dá a conhecer como cabeça da sua estirpe, unico Chefe, ou unico Pai; ou como imagem sensível da Divindade, engrandecida com os mais altos dons; ou como Soberano posto sobre o throno das creaturas, e distinguido pelo seu Auctor com o imperio sobre os seres inferiores. Em quanto Adão viveo, Seth, substituido por Deos no lugar de Abel, lhe prestou, como toda sua familia, huma inteira obediencia.

Os titulos de Pais de familias, de Principes, de

Legisladores pertencêrão aos Patriarchas : passárão de geração em geração, e com elles a Authoridade, e a força do Deos Sancto, que os protegia (1). O poder de Abrahão humilhando cinco Reis ambiciosos : a força de Moysés armado da justiça do Deos das vinganças para castigar a abominação, e a idolatria do seu povo; o poder absoluto de Josué em Socota, e em Phanuel, sem que interviesse nem conselho popular, nem confirmação de Senadores; são factos claros, que demonstrão que Deos lhes havia confiado sua Authoridade, sua eleição, e seu dominio. He verdade que se não chamarão Reis. (\*) O titulo de Rei de seu povo reservou Deos para si mesmo. Mas que significavão os nomes de Governadores, de Juizes, de Ministros, de Executores da sua palavra, senão a Authoridade de hum Soberano independente?

S. Jeronymo sobre aquellas palavras do Genesis = *Ruben meu primogenito* (2) = diz que o primogenito da familia dos antigos Patriarchas era ao mesmo tempo seu Rei, e seu Sacerdote.

He para admirar na Sagrada Escripura que apenas havia alguma Cidade, que não tivesse seu Rei; (3); e o mesmo se nota em todos os Auctores antigos, que referem a tradição do genero humano (4).

Nesta conformidade, diz hum profundo Politico, traspassárão os Judeos toda a Authoridade da Nação a Simão, e a seus successores (5). Foi o acto passado em nome de todo o povo, que o jurou, e acclamou Principe solemnemente. Pelo mesmo modo foi Dejoces feito Rei dos Medos (6): no tempo de Abrahão, isto he, quasi quatrocentos annos depois do di-

(1) Os filhos de Heth, com quem Abrahão havia feito hum contracto, lhe chamão Senhor, e o tratão de Principe = Ouve-nos Senhor, (lhe dizem) vós sois entre nós hum Principe de Deos.

(\*) Por esta razão quer Calvino que a Republica dos Hebreos fosse Aristocratica.

(2) Gen. XLIX. 3.

(3) Josué XII. 2. 4. 7.

(4) Justino, Homero, Platão.

(5) 1: Machab. XIV. 17. 41.

(6) Herodoto.



luvió, se vêm Reis formados, e estabelecidos já de tempos antigos; fazem quatro Reis a guerra a eincó, ser chamado Rei de Salem Melchisedech Pontífice do Altissimo Deos; reinar no Egypto Pharaó; e Abimelec em tempo de Isaac reinar em Gerara. Todos estes Reis tinham seus Officiaes, ou hum exercito, e hum General para commanda-lo. = Quem tocar (diz Abimelec) na mulher deste homem morrerá. = De seu proprio movimento pedio tambem o Povo de Deos, depois de alguns tempos, a Samuel hum Rei, que o julgasse, e se pozesse á frente de seus exercitos, como os Reis das outras Nações.

Se consideramos a historia profana, he bem verdadeiro o que diz Justino, que des de o principio do Mundo empunhárão Reis o sceptro, e o imperio das nações.

O lugar, onde nascêrão os primeiros homens, havia de ser naturalmente d'onde se devia levantar o reino mais poderoso: segundo esta opinião foi a Asia o lugar preferido; mas á maneira do que succede no curso dos seres naturaes, que a destruição de hum serve para a formação de muitos outros; assim a decadencia dos Imperios primitivos dispoz o nascimento a outras fórmãs de governo, em que degenerárão: mas não subo agora ás idades originaes para disputar a existencia dos Monarchas da Asia, e do Egypto. Nem tão pouco me deterei na formação de outras Monarchias separadas, e como isoladas, cuja origem está involta em fabulas, e sombras dos primeiros tempos; porque me assombrão os grandes Imperios da antiguidade, que se succedêrão e desapparecêrão com diversas vicissitudes: o Reino dos Assyrios, e dos Babylonios, o dos Medos, e Persas, o dos Maedonios e dos Principes Gregos, finalmente o dos Romanos. Digo que não empenharei a minha consideração em apurar a verdade escondida na obscura distancia daquelles tempos: sendo certo que a bondade, e a utilidade forão os titulos naturaes, que erigrão os primeiros thronos do Mundo. Não alcançarão os Reis, assim como os primeiros Deoses, a gloria de serem

os bemfeitores do genero humano? Os Osiris, os Hermes, os Triptolemos, depois de haverem exercido, durante sua vida, a authoridade absoluta sobre os povos que governarão, não receberão tambem honras immortaes, porque estes mesmos povos extendêrão seu reconhecimento até ao tumulo, no qual dêrão ás cinzas dos homens, a quem havião obedecido, os cultos destinados á Divindade?

O povo Romano só, que tocámos mais de perto, e cujas historias nos pudêrão chegar mais isentas dos erros, que dicta a preocupação, ou a malícia, he huma prova constante, que fixa a attenção dos espiritos ajustados, e reflexivos. Se huma fabula foi preciso que servisse de véo para esconder a baixeza da sua origem devida a hum fraticida, tambem he verdade que o seu ser começou, e acabou obedecendo aos Reis.

Sim: este ultimo Imperio, que começou o seu ser por hum Rei: este Imperio, que, não podendo conter dentro de limites a sua ambição, diffundio pelo orbe o seu poder, como furiosa torrente, que absorvêo nações, e fez consistir a gloria, e o heroismo em despojar da sua corôa a Principes, que o não havião offendido; em arrastar a paizes remotos os destroços e miserias da violencia; e em deixar por todas as partes vestigios sanguinolentos da sua passagem: esta Monarchia assombradora, depois de sacudida por continuas convulsões, que a agitarão, foi desmembrada em outras muitas: dissolveo-se como huma machina destruida em diversas peças, mas que entre as ruinas conservou cada huma o primôr, ou os vicios da mão, que as havia forjado (7).

---

(7) Dez Reinos nascêrão da destruição Romana, e todos dez forão Monarquias: não se formou Republica alguma, ou governo Aristocratico: o dos Francos na França; o dos Godos na Hespanha; o dos Anglos, ou Saxões em Inglaterra; o dos Vandalos em Africa; o dos Borgonheses nas Borgonhas; o dos Herulos, Ostrogodos, e Longobardos na Italia; o dos Hunnos na Hungria; o dos Bulgaros na Bulgaria; o dos Sarracenos na Syria, Egypto, Mesopotamia, e Arabia; e o dos mesmos Imperadores nas Provincias, com que se ficarão, que forão a Grecia, Tracia, Tesalia, e Asia-menor.

Deste modo pela destruição do throno dos Cesares se levantarão os Reinos, que hoje occupão a Africa, a Asia, e a Europa. E daquellas ruinas sahirão acaso outras fórmas que a Monarchia moderada na maior parte do nosso globo? Se a Asia, e Africa prestarão a sua obediencia a hum Despota, não se gloria a Europa de obedecer a Senhores, Pais dos Povos, conservadores da paz, e da justiça?

Negar estes factos, he preverter a ordem, e aniquillar a solidez da opinião humana. Que Filosofo se acha com direito para destruir o consentimento dos seculos? Ha successos, cujos effeitos são tão sensiveis, que párao a attenção do animo, convencem, e tranquillisão. Pois se quasi todos os povos desde o momento, em que se reunirão em sociedade, elegêrão Reis; que devemos deduzir da antiguidade das Monarchias? ... Que este he o Governo, que a mesma natureza assignala ao homem: que, conservando esta natureza em toda a época hum curso sempre igual, imprime nas almas huns mesmos sellos, e idéas para seu bem: que serem governados assim os homens he mais conforme á grandeza da sua especie, he mais natural.

De outro modo como he possivel que as sociedades na sua primeira formação, isto he, em seus principios, quando cada individuo dos que a começão a compôr póde pertender hum ramo da authoridade publica, não houvessem de se inclinar como primeiros fundadores a fixar hum governo popular, mixto, ou republicano, em que o poder está repartido entre muitos? Faltou acaso energia á sua ambição? Forão suas paixões menos vivas que as nossas para consentirem em prostrar sua fronte diante de hum só homem mais poderoso que os outros? Havemos de crêr que

---

Nota do Traductor. No Terreno Luzitano nunca houve Republica, nem Aristocracia. Quando os Romanos se apoderarão inteiramente delle, passava Roma de Republica a Imperio. Succedeo ao Governo dos Romanos o dos Alanos e Suevos, e o dos Godos todos Monarquicos. Debaixo do jugo dos Mouros continuou Monarquia; e finalmente pela expulsão desses se fundou a Monarquia Portugueza.

quasi todas as nações houvessem de beijar as cadêas da sua escravidão desde o mesmo instante em que assentárão as primeiras bases da sua existencia civil? Podião esquecer tão friamente os direitos dos Nobres, e do Povo? Podia a humanidade em todos os seculos adormecer, sem conhecer o systema de governo que lhe convinha? Não certamente: logo este consentimento geral, e experiencia dos seculos denota que a Monarchia he mais conforme á especie racional, e que a sua Ordem acha a propria força na natureza. A opinião que todos os Povos celebrão, e adaptão não he vã.

Attribuir a instituição dos Reis á ignorancia, e barbaria dos primeiros povos, he hum erro, e evasão superficial. Os Caldêos, os Egypcios, e quasi todos os Orientaes se pôdem gloriar de verem nascer no seu seio as sciencias e as artes; de as respirarem, e de serem os primeiros, que reflexionárão sobre as leis da humanidade. Os mesmos Gregos, apesar do seu espirito feroz, contestão o haver recebido a Filosofia de povos barbaros; isto he, dos povos, a quem a sua natural vaidade appellidava por este modo. Mas ainda quando á posteridade não houvesse ficado testemunho algum das opiniões éticas, que illustrárão as regiões do Oriente, sabemos que o espirito culto, e reflexivo destes povos não podia desprezar as principaes maximas da politica, e do governo que elegião. Como havia de ignorar por falta de calculo, e de attenção os principios da sua Constituição primitiva hum Hermes no Egypto, e Zoroastro na Persia? Estes sabios, que com tanta rectidão, e precisão pensárão ácerca dos Astros como Astronomos, da natureza como Fysicos, e do homem como Ethicos, não meditarião como Filósofos sobre a sua vida civil, sobre as leis, e as vantagens da Sociedade? Não he crível.

Segundo variárão os costumes, e a cultura destes povos, assim variou o seu governo. Muitos pozêrão novos freios á authoridade dos mesmos Monarchas, que suas linguas haviam acclamado; outros a depressirão. Carthago, Roma, Athenas começárão obe-

decendo a Reis; mas bem depressa sacudirão o seu jugo: degenerarão em Républicas. He verdade. Mas por ventura, mudando estes povos o seu governo, realisarão as idéas, que a sua ardente imaginação lhes propunha? Chegárão a gozar da prosperidade, que lhes avultava a sua ambição? Não lhes preparou a sua revolução huma quédã espantosa, e lhes trouxe a ruina daquella opinião adquirida com o suor dos seus antepassados? A divisão, em que degenerou o Senado de Carthago, não aniquilou a patria com mais horror, que a espada de seus inimigos? Que conseguiu Athenas com se haver erigido em República? Não julgemos dos costumes desta nação por algumas leis, que jámais se observárão: as acções, que são as demonstrações do coração, nos dão a conhecer os povos como forão. O summo rigor, que notamos nas leis Athenienses, he a prova das suas desgraças. Esparta he a admiração da politica: não sei porque; pois a sua moral se acha reprehendida em Aristoteles, Platão, e Polibio. Os Romanos forão heróes; mas fê-los taes antes a necessidade, e os perigos que a virtude. Era preciso sê-lo, ou perecer. Eu olho com horror para aquelles triunfos, que fazião gemer a humanidade; e não posso julgar virtuosa huma nação, que se comprazia em levar a rastro os Reis vencidos, atados a hum carro triumphal, ou postos em destroço sobre hum cadafalso cruel com horror dos homens, e tractados como o refugio da sua especie.

*Parcere subjectis, et debellare superbos.*

Que maxima! Talvez a sua doutrina arrojou os Romanos a cometerem todos os delictos da guerra, da politica, e da ambição. Esta Potencia a maior do mundo degenerou em hum governo composto: nos Consules estava representada a Monarchia, a Aristocracia no Senado, e no povo a Democracia. Segundo Polibio tomou por acaso a República Romana huma fórma, que a sensata Lacedemonia escolheu com juizo solido e maduro. Podia Constituição tão violen-

ta, e complicada ser duravel? Cahio esta República, e foi humilhada debaixo da escravidão, que seu furor havia imposto a outras nações, vendo os seculos assim dissolver-se com escandalo aquelle Senado, cuja Authoridade estribava sobre a obediencia de todo o Universo conhecido.

Deixemos estas discussões historicas; porque sendo mui extenso o campo, que apresentam á vista, são muito vastas e intricadas. A Filosofia, ainda a que transtorna os factos, e adorna os vicios com o esplendor da virtude, póde conhecer que as Historias Sagrada e Profana provão o direito primitivo dos Reis, ou ao menos detidos pelos seus testemunhos não se apresentarão ás almas singelas systemas, que perturbem o seu repouso. (*Extrahido da Monarchia de Suñiga.*)  
(Continuar-se-ha.)

## DIALOGO

*Entre o Persa Cyro e o Grego Aristides.*

*Cyro* Sob qual governo quererias tú viver Aristides?

*Arist.* Sob aquelle onde nenhum individuo fosse sujeito senão á Lei, e onde a Lei fosse mais poderosa que os homens.

*Cyro* E onde existe esse governo?

*Arist.* Não sei. A Sociedade a mais feliz e mais solida he aquella onde ha mais igualdade.

*Cyro* Convenho; mas esta igualdade não póde existir senão em huma muito pequena aggregação de homens pobres e desterrados sobre rochedos. Huma vasta Democracia he huma chimera; porque hum tal estado he necessariamente rico e poderoso; e a cobiça, a avareza, a ambição, e a libertinagem o agitação em todos os sentidos, e accendem volções, cujas frequentes erupções o destroem bem depressa. Li em hum dos vossos Poetas que Eolo tem os ventos encadeados em cavernas profundas, sem o que o seu furor, seu sôpro impetuoso devastarião a terra: hum

dia a rogo de Juno elle os desencadeou; immediatamente as tempestades, a noite, as tormentas põe tudo em confusão; cobrem-se os mares de naufragios; offerecem-se por toda a parte o terror e a morte. Esta imagem he aquella da turbulencia democratica. Confundem muitas vezes a liberdade politica com a liberdade civil. Esta influe em toda a Sociedade, cada individuo goza dos seus beneficios; ella faz amar o regimen, sob o qual se vive. A liberdade politica não espalha suas vantagens que sobre huma pequena parte do povo: muitas vezes só os ambiciosos e intrigantes se aproveitam. Para ser perfeitamente livre, he necessario viver como os Scythas, errar de deserto em deserto, levando sempre sobre seus carros suas riquezas, suas familias, e seus Deoses. A liberdade civil póde existir em todo o governo temperado, na Monarchia mesmo. A melhor Constituição, a meu ver, he aquella onde todas as paixões são comprimidas, e cujas molas são as mais simples. Hum dos nossos Filozofos pertende que o estado Monarchico he o mais solido. A felicidade do povo nesta Constituição (diz elle) está unida á virtude de hum só: na Aristocracia depende da virtude de muitos; essa Democracia está ligada á virtude de todos. Ora: he mais facil achar hum homem virtuoso que cem, que vinte mil reunidos. Não he a fórma de governo que faz a felicidade da Sociedade, são as virtudes dos Chefes e dos Magistrados.

*Arist.* Se não fosses Cyro, se não fosses mais que hum Cidadão obscuro, quererias ser Atheniense, ou Persa?

*Cyro* Atheniense, por amor proprio. — Para que huma Constituição seja firme e inabalavel, he necessario que o Chefe Supremo, ou os primeiros Magistrados, se he huma Oligarchia, inspirem ao Povo por seu fausto e nascimento, este respeito de opinião, este sentimento da sua superioridade, que, ferindo a imaginação contém mais que a moral e as Leis. Os vossos Athenienses mesmo convém que forão felizes com Pisistrato, e que o reinado de seu filho Hyppar-

cos foi o da idade de ouro. Se o Povo he governado por seus iguaes elle os despreza; e os ambiciosos, os demagogos se aproveitam deste desprezo para perturbar a ordem, destruir as authoridades, e collocarem-se em lugar dellas.

*Arist.* Sou do mesmo parecer; e eis a razão por que prefiro a Aristocracia temperada á Democracia. Hum Lacedemonio aconselhava a Licurgo de estabelecer o governo popular, no qual o menor Cidadão teria tanta authoridade como o maior. Começa (lhe disse Licurgo) a estabelecer isso na tua propria Casa.  
(*Viagens de Antenor á Grecia.*)

### *Galeria de Demagogos.*

N.º 1. — *Jacques Ogé.*

Principiaremos esta Galeria por hum Negro. Jacques Ogé, homem de côr, livre, de idade de menos de 30 annos, natural da Ilha de S. Domingos, vivia em París em hum certo estado de opulencia, entretido á custa de sua Mãe que tinha huma plantação de café na dicta Ilha. Elle foi iniciado na Sociedade dos Amigos dos Negros na perigosa doutrina dos direitos e igualdade dos homens. Ogé concebeo o projecto de se pôr á testa dos homens de côr, e de obter a satisfação dos seus pretendidos agravos.

A Sociedade para illudir a vigilancia do Governo resolvêo fornecer-se de armas e munições na America. Ogé embarcou para a nova Inglaterra com dinheiro e letras em Julho de 1790; mas, não obstante ser isto feito com todo o segredo, o seu projecto foi conhecido em París, e os seus signaes enviados a S. Domingos muito tempo antes d'elle lá chegar. Desembarcando na Ilha em Outubro, fez conduzir as armas por seu irmão para hum sitio designado. Seis semanas depois publicou hum Manifesto, declarando a sua intenção de combater os brancos, se os Privilegios destes não fossem concedidos a todos os habitantes da Ilha sem distincção. Recommendeu aos seus que não der-



ramassem sangue innocente, mas elles com a maior deshumanidade commettêrão os maiores horrores, assassinando não só os brancos, mas tambem os da sua mesma côr, que se recusárão segui-los, até que forão batidos pelas milicias e tropas regulares, que enviárão contra elles os habitantes de S. Francisco. Tendo sido reclamados aos Hespanhoes pelo Governador Blanchelande, Ogé, que andava fugitivo, foi entregue com seus Companheiros. Vinte dos que havião seguido o seu partido forão condemnadas á forca; mas Ogé e Chavane, hum dos Chefes dos negros, soffrêrão supplicio mais terrivel. Forão rompidos vivos e espirárão sobre a roda. Chavane morreu com firmeza; no meio dos maiores martyrios não soltou hum gemido. Ogé horrorisou-se á vista da sua Sentença, e implorou chorando, que lhe concedessem a vida, promettendo descobrir cousas importantes, o que lhe foi denegado. Assim acabou este negro revolucionario.

### *Ilha dos Filósofos.*

“ Eu tambem grito: Viva a Nação! Desejo a sua felicidade, e temo mais que ninguem a sua ruina. Viva, pois, Viva a Nação! Prospere sempre, e não perca nada do seu antigo esplendor.” Este voto he o que fazia o sobrinho do Cavalheiro de Haut-mont no principio da Revolução Franceza, e que estampou nas reflexões preliminares, quando publicou as interessantes Cartas de seu Tio debaixo do titulo de *Ilha dos Filósofos*, e muitas outras novamente descobertas e notaveis pela sua semelhança com a França actual. — Este voto he o de todos os bons patriotas que, desconfiados com razão das Regenerações, ou revoluções populares, temem a ruina da Patria. A experiencia mostrou quanto erão bem fundados seus receios, e a mesma experiencia nos tem mostrado tambem, e a alguns outros povos, quanto ha a recear de taes revoluções. Estas 8 Cartas contém materia tão interessante que nos resolvemos a ir publicando-as neste jornal á medida que as circum-

stancias o permittirem. — Ellas combatem debaixo da mais fina e bem sustentada ironia toda a falsa doutrina dos Filósofos impios dos nossos tempos, isto he, dos Voltaires, Rosseaus, D'Alamberts, Dirderots, etc., etc., e tantos outros Jacobinos que preparão com seus escriptos as modernas revoluções. Estamos persuadidos que nossos judiciosos Leitores terão grande prazer em as lêr, e que algum transviado, não por maldade do coração, mas por erro de entendimento colherá excellente fructo da sua lição. Assim, no 2.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> deste jornal começaremos a da-las.

### Da Democracia.

A tomar-se o termo no rigor da accepção: A verdadeira Democracia nunca existio, nem jámais existirá. He contra a ordem natural que o grande numero governe, e o pequeno seja governado. Não se pôde suppôr que o povo fique incessantemente reunido para se dar aos negocios publicos, e facilmente se vê que não poderia para isso estabelecer commissões, sem que mude a fôrma de administração.

Accrescentemos que não ha Governo tão sujeito ás guerras civis, e ás agitações intestinas como o Democratico ou popular; porque nenhum ha que tenda tão forte e continuadamente a mudar de fôrma, nem que demande mais vigilancia, e coragem para na sua se manter.

Além disso, quantas cousas difficies de reunir não suppõe este Governo? Primeiramente hum Estado muito pequeno, onde seja facil ao Povo ajuntar-se, e onde cada Cidadão possa facilmente conhecer todos os outros: em segundo lugar huma grande simplicidade de costumes, que previna a multidão de negocios, e as discussões espinhosas: depois muita igualdade nas jerarquias, e nas fortunas, sem o que não poderia subsistir por muito tempo a igualdade nos direitos e authoridades: em fim pouco luxo ou nenhum; porque, ou o luxo he effeito das riquezas, ou as torna necessarias, e corrompe ao mesmo tempo o rico e o

pobre, huu pela posse, o outro pela cobiça; vende a Patria á molleza, á vaidade; tira ao Estado todos os Cidadãos para os escravisar huns aos outros, e todos á opinião.

Depois de se lêr esta doutrina, que he de J. J. Rosseau no seu Contracto Social, haverá ainda homem de boa fé que pense em Democracia?... A Democracia he huma Quiméra, isto he, cousa impossivel, e só imaginada

*A Faustissima vinda do Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, no Dia 22 de Fevereiro 1828, em que chegou a esta Capital.*

S O N E T O.

He Elle!... Não me engano!... (Deos Poderoso  
Esta-Nação fiel graças-te rende!)  
Ah, como affavel para nós estende  
Os Regios-braços inda saudoso!...

Como dos labios meigo, e carinhoso  
Brandos sorrisos tácito desprende!...  
Como da Patria abraçar pertende  
O casto seio que palpita ancioso!...

He Elle! Justos Ceos!... Oh que alegria!...  
Pagina d'ouro tens oh Lusa Historia:  
Sagrado sejas venturoso dia!...

No Altar da Patria fique esta Memoria:  
«Chegou Miguel: Exulta a Monarchia!  
«Povos, ahi tendes Vossa Esp'rança e Gloria!

**ADVERTENCIA.**

Se este Jornal fôr bem acolhido do Publico continuar se-ha , publicando-se hum Numero por Semana , não havendô inconveniente.

**INDICE.**

|                                                                                         | <i>Pag.</i> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| 1.º <i>Introducção</i> - - - - -                                                        | 3           |
| 2.º <i>Da Monarchia considerada em si mesma</i> - -                                     | 7           |
| <i>Primeiro caracter. Sua Antiquidade</i> - -                                           | <i>ibi.</i> |
| <i>Primeiro testemunho da Historia</i> - - -                                            | <i>ibi.</i> |
| 3.º <i>Dialogo entre o Persa Cyro e o Grego Aristides</i> - - - - -                     | 14          |
| 4.º <i>Galeria de Demagogos</i> - - - - -                                               | 16          |
| <i>N.º 1. Jacques Ogé</i> - - - - -                                                     | <i>ibi.</i> |
| 5.º <i>Ilha dos Filozofos</i> - - - - -                                                 | 17          |
| 6.º <i>Da Democracia</i> - - - - -                                                      | 18          |
| 7.º <i>Soneto á Faustissima vinda do Serenissimo Senhor Infante D. Miguel</i> - - - - - | 19          |
| 8.º <i>Advertencia</i> - - - - -                                                        | 20          |